



doi: 10.20396/rfe.v10i3.8653011

Resenha: Nietzsche, experimento e Educação

Samuel Mendonça¹
Amanda Tavares Venturoso²

Friedrich Nietzsche (1844-1900) é um autor que tem sido base de pesquisas no Brasil em diferentes campos do conhecimento. No caso da educação, muitas teses e dissertações têm sido publicadas, da mesma forma que diversos dossiês em diferentes periódicos, inclusive este da Universidade Estadual de Campinas, *Filosofia & Educação*, de modo que já há o reconhecimento da importância do filósofo alemão para o campo educacional.

Jorge Larrosa, licenciado em pedagogia e filosofia, professor titular da Universidade de Barcelona e pós-doutor pelo Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne, é o autor de *Nietzsche & a educação* da Editora Autêntica. É também fundador e coordenador geral do Mais Diferenças, associação esta que visa a experimentação da educação em práticas inclusivas e possui diversas publicações junto à Editora Autêntica. O livro se insere na coleção “Pensadores & Educação”, publicado pela primeira vez em 2002.

Cabe observar que o autor, de forma singular, tematiza as artes, a filosofia e a educação em torno da existência do ser enquanto corpo movido por paixões e experiências. Ele consegue, para além disso, reforçar a ideia de que a leitura – sendo estrangeira, por provocar um incômodo diante da obra e um exercício de exposição, do ser “ex-posto” – não poderia deixar de fazer parte no processo dos anseios do ser enquanto “pro-curador” da existência.

¹ Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas e Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e das Faculdades de Direito e de Educação da PUC-Campinas. E-mail:

² Membro do grupo de pesquisa Política e Fundamentos da Educação (CNPq/PUC Campinas). E-mail: amandatavares10@hotmail.com

O livro diz respeito à uma exposição crítica do pensamento de Nietzsche, demarcando se tratar de autor que se encontra longe das doutrinas, ou melhor, olhando-as do lado de fora, afastado e ao mesmo tempo inquieto. Desse modo, é evidente o quanto o pensamento do filósofo alemão está presente nos tempos hodiernos, transitando pela filosofia como indisciplina, como pensamento indisciplinado.

Larrosa afirma que é preciso, para ler Nietzsche, que estejamos com ele, no sentido de incorporar os seus escritos, aceitando-os ou negando-os, para que a partir deles se possa começar a pensar, a sentir, a aprender a criar novas perspectivas, em cada tempo e situação. Desse modo, argumenta que a figura de Nietzsche é um "motivo" completamente necessário no que diz de expressão, condição fundamental para a educação. Em outros termos, o pensamento que não obedece a um sistema linear é necessário para se pensar a educação, justamente na medida em que os processos de interferência na formação humana são construídos no devir.

O livro é dividido em três motivos, aos quais ele nomeia "nietzscheanos", para se pensar num caráter pedagógico, sendo eles: "Para além da Hermenêutica", "Para além de *Bildung*" e "Para além do sujeito". É possível dizer que esse tipo de escrita de Nietzsche, cuja essência é tratada pelo autor, exige uma apropriação de forças afins e contrárias. Nesse sentido, há uma implícita ligação com uma "personalidade única" que controle esse sentido, um sistema hierarquizado de forças.

Larrosa dá voz a um Nietzsche musical, que produz uma música a ser ouvida, a ser "interpretada". A metáfora da música retoma a subversão, a movimentação, justamente na medida em que supõe o movimento, o sair do lugar que também remete ao estrangeiro, daquele que adota a perspectiva da distância, do olhar de longe. A música traz, além de outros diversos sentidos, o da liberdade e, além disso, dá ao leitor a consciência de que não é necessário adotar os sentidos doutrinários das ideias, porque são apenas ideias que, como as músicas, também são capazes de se movimentar e de se transformar.

O primeiro motivo traz consigo a ideia de que ler implica estar diante do desconhecido, estar aberto ao desconhecido, se colocar como silencioso diante dele. Logo, a palavra pausa parece ser a chave capaz de organizar as ideias, atribuir sentidos, para que por meio destes, outros novos sejam criados. A pausa, que por si só diz o que precisa dizer, parece ocupar também a disposição a que o autor trará como força, a força do sujeito que não só se dispõe à experiência da leitura, mas a vive. Assim, o leitor é convidado à exposição, em sua totalidade, quando une forças afins, ou contrárias, entre ele, enquanto leitor, e o livro.

O autor afirma de diversas formas no decorrer dos motivos que, Nietzsche deve ser visto como um fio condutor, não da verdade, mas na busca do autoconhecimento, do que cada um de fato é. Nesse sentido, os livros nada mais são do que mediadores, que possuem cada um, uma função temporária na vida de cada ser, capaz de conduzi-los ao mais alto de si mesmos. Esta perspectiva aberta e dionisíaca marca o pensamento de Nietzsche, sobretudo na crítica a uma verdade final, derradeira.

No segundo motivo, Larrosa dá continuidade à discussão dessa condução para a dimensão interna. Esse caminho ao mais alto do ser e o faz tentando trilhar pelo imperativo de Píndaro, o imperativo do “como se vem a ser o que se é”. Faz referência à Píndaro por meio de Nietzsche, que reescreveu com suas próprias mãos o lema das *Odes Píticas* a fim de relacioná-lo à *Bildung*. Nesse ínterim, o autor dá voz à educação que seria a operação possível a ser tomada como um exercício capaz de fazer uma ponte entre *Paideia e Bildung*.

Dessa forma, a *Bildung* seria essa ideia singular do processo temporal, do indivíduo que alcança a sua própria forma, sua identidade, sua humanidade, convertendo-se no que é. O lema aparecerá em importantes obras como *Schopenhauer como Educador*, *A Gaia Ciência*, *Assim Falou Zaratustra e Ecce Homo*. Nesses livros demonstra-se, na interpretação de Larrosa, a questão do dispositivo de subjetivação da consciência como uma luta entre agrupamento e singularidade, reverenciando uma escrita combativa; a heroica solidão do sujeito que possui o hábito reflexivo e que

já não pode mais confiar em nada; as boas vindas do viajante que vem de longe para interromper o cômodo e o habitual e a *Bildung* como princípio de vida em que o eterno retorno se revelará como imprescindível.

No terceiro motivo, por fim, Larrosa conta ao leitor um conto. Este conto deseja ser visto como travessia e abertura para a liberdade, como subjetividade, no que diz respeito ao que todos somos. Larrosa toma como ponto de partida para elaborar essa discussão dois textos básicos, são eles: *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*, de Immanuel Kant e *Assim Falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche.

O autor apresenta duas facetas distintas da liberdade a partir desses textos. No primeiro, a liberdade está no sujeito que não depende de nada exterior e no segundo, oposto ao primeiro, a liberdade aparece como infância, criação, início e acontecimento. Assim, a liberdade está constituída como transformação poética de forma subjetivada.

O texto de Kant é retomado no sentido de fazer a liberdade subjetiva perder seu primeiro impulso, perder a confiança em si mesma e após o processo saltar para fora de si abrindo-se em direção ao desconhecido. O autor esclarece desde o início que não pretende esmiuçar os conteúdos dos livros citados, mas apenas tomá-los como ponto de partida para a constituição de seu conto filosófico, que trará duas faces: a liberdade heroica, que traz consigo a coragem e o esforço, atribuindo-se como liberdade negativa, cuja concepção trará o sujeito como protagonista de uma luta de libertação e a segunda face que, surgindo como autonomia, reafirma-se na autonomia da razão prática, do homem que emerge com voz e ação e dá a si mesmo a sua própria lei. Em suma, esse conto possui o intuito de atribuir diversos motivos para aquilo que leva o leitor a pensar no âmbito da liberdade liberada.

Em síntese, o conteúdo discutido neste livro diz respeito a uma filosofia de extrema importância, que revela profundidade e comprometimento. Profundidade, porque está além do que indica uma primeira impressão sobre a escrita, que parece ser curta, de caráter introdutório, mas possui certa densidade ao se apropriar de termos

filosóficos e comprometimento ao se colocar para além da filosofia, aproximando-se ainda mais da educação e, conseqüentemente, de público mais amplo. Ademais, é necessário destacar que no final do livro se encontram sugestões de referenciais do autor para leituras adicionais e páginas da internet de interesse relacionados à Nietzsche e a Educação, incluindo instituições importantes e grandes estudos na área.

Trata-se de obra, portanto, com linguagem didática e profunda, na medida em que a exposição dos conceitos e argumentos são apresentados de forma poética. Recomenda-se o livro para estudantes de cursos de ciências humanas, artes corporais e artes cênicas e interessados em geral sobre a compreensão estética de escritos de Friedrich Nietzsche.

Referência

LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Submetido em: 15/01/2018

Aceito em: 15/02/2018

Publicado em: 04/04/2018